

ÍNDICES DE HIBRIDISMO CULTURAL EM *RELATO DE UM CERTO ORIENTE*

Paulo Sandrini (paulosandriner@gmail.com)
Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE)
Curitiba, Paraná, Brasil

Resumo: Hibridismo cultural – conceito utilizado para descrever processos interétnicos e de descolonização, bem como para discutir cruzamentos de fronteiras e as implicações de múltiplos deslocamentos dentro de um espaço nacional ou entre continentes – é o escopo deste artigo, tomando por base ainda a descrição de fusões artísticas, literárias e de comunicação em meio às novas culturas surgidas em regiões de mesclas culturais. O romance *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum, será analisado dentro dessas perspectivas. Portanto, assuntos relacionados à identidade cultural e algumas conceituações a respeito do tema, bem como o hibridismo em algumas de suas facetas (trocas culturais, metrópole multicultural como espaço propício a mesclas, deslocamentos, diglossia e reconversão) serão debatidos neste estudo.

Palavras-chave: Hibridismo cultural. Identidade, Milton Hatoum. *Relato de um certo Oriente*.

CULTURAL HYBRIDITY LEVELS IN *RELATO DE UM CERTO ORIENTE*

Abstract: Cultural hybridity – a concept applied to describe interethnic and decolonizing processes, as well as to discuss border crossings and the implications of multiple displacements within a national territory or between continents – is the scope of this article, further based on the description of artistic, literary and communicative mergers among the new emerging cultures in regions of cultural blends. The novel *Relato de um certo Oriente*, by Milton Hatoum, will be analyzed within such perspectives. Therefore, issues related to cultural identity and some concepts on the subject, as well as hybridity in some of its facets (cultural exchanges, the multicultural metropolis as a favorable space conducive to blends, displacements, diglossia and reconversion) will be discussed in this study.

Keywords: Cultural hybridity. Identity. Milton Hatoum. *Relato de um certo oriente*.

Artigo recebido em 29 jun. 2015 e aceito em 17 jul. 2015.

Introdução

Nos últimos anos, sobretudo a partir das décadas finais do século XX¹, a noção de hibridismo cultural vem ganhando ênfase considerável nas ciências humanas. É nesse período que a crítica cultural se volta com maior vigor à discussão e ao valor desse conceito utilizado para descrever processos interétnicos e de descolonização, processos globalizadores e cruzamentos de fronteiras, bem como as implicações desses múltiplos deslocamentos dentro de um mesmo espaço nacional ou entre continentes.

A apropriação do conceito de hibridismo, contudo, ocorre também para descrever fusões artísticas, literárias e de comunicação em meio às novas culturas engendradas em regiões de prolíficas misturas ou espaços de fronteira. Não por acaso, as produções crítica, artística e literária, derivadas dos cruzamentos étnicos, raciais e culturais ocorridos nas últimas décadas vêm contaminando a cultura de modo geral e, importante ressaltar, também as reflexões da academia². Por isso, vemos aqui a oportunidade para estabelecer uma discussão que se volte ao campo literário – mais especificamente o da literatura brasileira contemporânea –, e que tenha em seu escopo as questões mesmas do hibridismo cultural e, conseqüentemente, questões identitárias.

Discorrendo um pouco, então, sobre questões de identidade, destacamos aquelas relativas a uma composição do sujeito não mais tecida de uma única identidade, mas, sim, como salienta Hall (2003), de várias identidades, algumas contraditórias ou não resolvidas; e isso se liga diretamente ao fato de que, na modernidade, o próprio processo de identificação, por meio do qual projetamos nossas identidades culturais, tornou-se provisório, variável e problemático. A identidade tornou-se uma *celebração móvel*³, transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. E uma vez que a identidade muda de acordo com o modo como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida⁴. Dentro, então, de um universo tecido por processos multiculturais, de variadas possibilidades de identificações, de possibilidades de trânsito cultural disponíveis para o sujeito, é que buscamos situar a obra literária que abordaremos neste trabalho. Trata-se de *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum, romance marcado fortemente não apenas

pelo jogo de memórias cambiantes de seus personagens (que vão tecendo ao longo da ficção a história de conflitos e angústias de uma família de ascendência libanesa), mas também – em decorrência de sua trama desenrolada em Manaus, cidade marcada pelo multiculturalismo e pela hibridação – por um universo matizado de variados costumes e línguas, resultante da convivência entre pessoas de diferentes nacionalidades. Tem-se assim, por ponto de partida, que a obra de Milton Hatoum é o retrato do Brasil como local de pulsantes cruzamentos de culturas, em que a metrópole⁵ surge qual ambiente propício à troca cultural, ainda que *Relato de um certo Oriente* possua um ajuste de foco no espaço intimista (a casa) para aludir ao caráter local. É a metrópole como zona de fronteira, que pode ser descrita como “intercultural”⁶, não apenas como lugar de encontros, “mas também de sobreposições ou interseções entre culturas”⁷. E nesse sentido ainda, de caráter espacial, a obra de Milton Hatoum desenha, mesmo que a partir do local, um mosaico intercultural que nos remete ao pensamento de Canclini (2003) sobre as nações. Essas, na visão do teórico argentino, são palcos multideterminados por uma variedade de sistemas culturais que se cruzam, se interseccionam, se interpenetram. Diz ainda Canclini (2005) que isso tem reflexos no sujeito; ou seja, tal heterogeneidade conduz a uma coexistência de múltiplos códigos simbólicos dentro de um mesmo grupo e dentro de um mesmo sujeito. A identidade se torna poliglota, multiétnica, migrante – traz em si o conceito de deslocamento. É a identidade como ponto em que se encontram várias culturas.

Relato híbrido

Tendo em mente essas questões e tratando, enfim, de *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum, podemos, para iniciar a discussão sobre hibridismo no romance, dizer que esse nos apresenta uma narradora que é reflexo de um descentramento proveniente do convívio entre culturas distintas. Adotada por uma família libanesa quando criança, a personagem se mostra emocionalmente inconstante pelo fato de pertencer a dois universos culturais. Filha adotiva do casal libanês (Emilie e seu marido), a narradora pode ser vista como indivíduo híbrido se nos lembrarmos do que diz Burke (2003) sobre o hibridismo referente a filhos de pais originários de culturas diferentes (reitera-se: ela é adotada, nascida no Brasil): a vida entre culturas distintas resulta em uma consciência dúplice.

Levando isso em consideração, vemos a figura da narradora constituída de traços de identidade que se acham moventes, sempre em processo de redefinição, pois transitam no terreno oscilante da dupla referência étnica. Essa imagem da fragmentação do indivíduo na figura da narradora, estilhaçada em sua identidade, surge de modo expressivo na passagem em que ela faz o desenho de um rosto com pedaços de papel de cartas rasgadas: “O desenho acabado não representa nada, mas quem o observa com atenção pode associá-lo vagamente a um rosto informe. Sim, um rosto informe ou estilhaçado, talvez uma busca impossível neste desejo súbito de viajar para Manaus depois de uma longa ausência” (HATOUM, 2005, p. 163).

A narradora é marcada também pela anonímia, reflexo de seu estado de indefinição perante o mundo que a cerca (um passado incerto e a dupla referência cultural). E, então, por meio do discurso tentará encontrar de algum modo sua ancoragem identitária no inconstante terreno das relações familiares e sociais. O ato de erigir simbolicamente (por meio da escritura) a história da família é para a narradora uma forma de encontrar para si mesma uma denominação, algo que lhe dê um lugar, um rosto como partícipe verdadeiro daquele núcleo familiar. E apesar disso tudo, dessa sua falta de denominação, é na sua figura, no seu discurso, que se concentra a capacidade de traduzir e transferir a experiência de toda uma tradição acumulada pela família e também um recorte da sociedade de Manaus, reveladora da formação de um país marcado pela hibridação cultural. Nesse sentido, devemos entender a constituição da narradora, em sua identidade, como sendo marcada pelo traço discursivo. É o sujeito que se constrói e é construído com matéria discursiva, lembrando Votre (2002, p. 89).

Há também, pode-se dizer, nesse universo movedição pelo qual transita o discurso da personagem narradora – que tenta criar a própria voz narrativa a partir da voz do outro – a busca da alteridade. A tentativa de conhecer o outro a partir não só do olhar mas também a partir de um processo de abertura dialógica (o discurso a respeito do / e vindo do outro; ou seja, uma recriação do outro por meio do discurso) – é uma tentativa de construção da identidade de todas as outras personagens, é dar-lhes voz própria, autonomia discursiva, ainda que essa autonomia não saia do plano do narrador⁸, como, achamos importante lembrar, salienta Bakhtin a respeito da imagem artística criada por Dostoiévski⁹. E, acrescentamos, em um romance que trata, entre outras coisas,

de questões identitárias, caso de *Relato de um certo Oriente*, buscar um fechamento, uma conclusão para os sujeitos-personagens talvez fosse mesmo incoerente com o fato de ser a identidade um processo em aberto, que se constrói durante toda a existência, e por isso mesmo um processo que nunca se conclui. Nesse sentido, e de modo bastante hábil, Milton Hatoum constrói sua ficção com uma variedade de vozes, criando assim um efeito fluante em que nada parece ser fixo, fechado, sólido.

Retomando a questão do sujeito hibridado em decorrência do convívio com pais originários de culturas diferentes (com um sentido aqui mais contundente: o de partição identitária), vemos que tal sujeito surge em *Relato de um certo Oriente* na figura do irmão da narradora, também adotado pelo casal libanês (e o único dos filhos a aprender o idioma árabe). A certa altura da narrativa ele revela:

Desde pequeno convivi com um idioma na escola e nas ruas da cidade, e com outro na Parisiense. E às vezes **tinha a impressão de viver vidas distintas**. Sabia que tinha sido eleito o interlocutor número um entre os filhos de Emilie: por ter vindo ao mundo antes que os outros? Por encontrarme ainda muito próximo às suas lembranças, ao seu mundo ancestral onde tudo ou quase tudo girava ao redor de Trípoli, das montanhas e dos cedros, das figueiras e parreiras, dos carneiros, Junieh e Ebrin? (HATOUM, 2005, p. 52, ênfase acrescentada)

O que vemos no trecho acima é o discurso de um sujeito marcado pela diglossia cultural, pelo biculturalismo – uma vida dupla. Acerca disso, interessam-nos as considerações de Peter Burke:

Em um mundo futuro da cultura global, poderemos nos tornar todos biculturais, vivendo uma vida dupla [...] Todos nós falaremos EFL (*English as Foreign Language*, inglês como língua estrangeira) ou qualquer outra língua mundial (chinês, espanhol, árabe) em algumas situações, mas manteremos nossa língua ou dialeto local em outras, participando da cultura mundial, mas mantendo uma cultura local. (BURKE, 2003, p. 106)

Dentro do universo de contato cultural exposto no romance, essa situação de diglossia surge outras vezes, fazendo com que as personagens, em determinados momentos, absorvam a língua estrangeira como se fosse a sua ou, ao contrário, falem em sua língua materna em vez de se comunicar na língua local. Na primeira situação, vemos Hindíé Conceição tentando se comunicar com outras pessoas ao encontrar a matriarca Emilie à beira morte:

Ela ligou pra casa de Hector Dorado, mas o médico não atendeu à chamada, pensando que fosse brincadeira de criança ou a voz de uma louca. Então ela discou para tio Emílio, que logo reconheceu a voz de Hindíé e entendeu o que ela falava. Na verdade, Hindíé comunicara-se em árabe com o médico da família. (HATOUM, 2005, p. 139)

Na segunda situação, temos Dorner em sua conversa com o marselhês do restaurante La Ville de Paris, após acharem o corpo de Emir:

Ele falava e perguntava ao mesmo tempo, mas tudo ficou no ar porque desatei a falar na minha língua materna. Só percebi que falava alemão quando o marselhês me pegou pelo braço e berrou: o senhor está falando sozinho. Ele tinha razão; pela primeira vez falava na minha língua comigo mesmo. (HATOUM, 2005, p. 66)

A questão de uma consciência dúplice e alternante se reflete ainda na oscilação da memória das personagens em relação ao espaço-tempo, num jogo de justaposições de elementos locais, cheiros e lembranças que alterna referências do local de origem e daquele em que se vive no presente. No romance de Milton Hatoum, tais justaposições são recorrentes, o que evidencia ser a obra fortemente marcada pela questão do deslocamento, do trânsito cultural a causar trepidações identitárias. Emilie (a matriarca) e o marido são imigrantes que partiram do Líbano; Dorner é um fotógrafo-viajante alemão; o irmão da narradora partiu para Barcelona; Hakim abandona a família rumo ao sul do país. É o romance em sua abordagem da realidade diaspórica. Nesse contexto migratório, sujeitos e objetos ao se encontrarem desvinculados de locais particulares ou de origem passam a

interagir com novos cenários culturais, o que os coloca em coexistências dinâmicas tanto de homogeneização quanto de heterogeneização cultural. E tais processos de hibridismo, por vezes incessantes e múltiplos, levam a uma relativização da noção de identidade. Assim, podemos destacar em *Relato de um certo Oriente* que as justaposições de tempos, lugares e objetos – fundindo passado (origem) e presente (novo contexto) – fazem com que as identificações se tornem flutuantes, gerando não apenas hibridação, mas também as crises de identidade tão comuns nessas situações. Ou seja, não há apenas um deslocamento do indivíduo em relação ao seu lugar no mundo social e cultural, mas também um deslocar-se de si mesmo.

Portanto, temos em *Relato de um certo Oriente* um campo de identidades múltiplas e compósitas, dúcteis a maleáveis.

Destacamos, então, alguns trechos em que coexistem e justapõem-se tempo, espaço e objetos.

Ela [Emilie] também falava sozinha, conversava em língua estranha até com os animais, e ultimamente despertava de madrugada e abria os janelões para contemplar um horizonte irreal formado de aldeias incrustadas nas montanhas de um país longínquo. E uma manhã, ao entrar na cozinha, Hindié viu uma mesa repleta de iguarias que Emilie havia preparado durante a noite [...] Emilie informou que era apenas uma homenagem aos que ficaram no outro lado da terra. “Senti o odor do mar e dos figos, e desconfiei que os parentes de lá me chamavam”, disse. (HATOUM, 2005, p. 137)

É curioso, pois sem se dar conta, tua avó deixava escapar frases inteiras em árabe, e é provável que nesses momentos ela estivesse muito longe de mim, de Anastácia, do sobrado e de Manaus. Eu deixava de contemplar os arabescos do narguilé para ponderar sobre isso e aquilo, e tentava dar outro rumo ao assunto, uma reviravolta no tempo e no espaço, passar do Mediterrâneo ao Amazonas, da neve ao mormaço, da montanha à planície. (HATOUM, 2005, p. 90)

Duas salas contíguas se isolavam do resto da casa. Além de sombrias, estavam entulhadas de móveis e poltronas, decoradas com tapetes de Kasher e de Isfahan, elefantes indianos que emitiam o brilho da porcelana polida, e baús

orientais com relevos de dragão nas cinco faces. A única parede onde não havia reproduções de ideogramas chineses e pagodes aquarelados estava coberta por um espelho que reproduzia todos os objetos [...] de longe, o quadrado colorido perdia-se entre vasos de cristal da Bohemia. (HATOUM, 2005, p. 10)

Temos ainda em *Relato de um certo Oriente* a passagem que discorre sobre o rádio Philco da casa familiar, que ao mesmo tempo em que transmite notícias do Brasil capta estações do Cairo e de Beirute, num processo de justaposição, de sintonia entre ocidente e oriente a evidenciar o caráter da duplicidade de referências culturais das personagens¹⁰. E ainda: o patriarca, em *Relato de um certo Oriente*, faz suas orações diárias com o corpo voltado para a cidade sagrada de Meca; Emilie, cristã maronita, cultua santos católicos e se dedica a cozinhar quitutes cujos ingredientes vão das frutas amazônicas ao fígado cru de cordeiro. Podemos, por isso também, destacar a culinária presente no romance. Por meio da descrição de alguns pratos cozinhados na casa da família, a ficção nos dá uma noção daquilo que poderíamos chamar de fusão, que, segundo Burke (2003), é uma metáfora com função semelhante a de hibridismo. Atualmente, diz o historiador inglês, inspirada pela física nuclear, a linguagem da fusão é popular em contextos que vão da música à culinária; contudo, já foi usada, no passado, por Karl von Martinus, para ressaltar que a história do Brasil poderia ser descrita em termos de fusão de três raças, e ainda por Gilberto Freyre, em *Casa grande e senzala*, para discorrer sobre a “fusão harmoniosa de tradições diversas” (BURKE, 2003). Peter Burke, para exemplificar o termo fusão, fala a respeito da *Asian Fusion*, que se refere a restaurantes americanos que servem uma variedade de culinárias orientais. Fusão que não está distante, ressalta o historiador, da metáfora dos Estados Unidos como “caldeirão” cultural. E podemos acrescentar, sob esse ponto de vista de caldeirão cultural, que a metáfora da fusão também se aplica ao Brasil. E é essa ideia de caldeirão, de fusão, que podemos encontrar, implicitamente, em trechos que fundem os ingredientes culinários em *Relato de um certo Oriente*.

Já os objetos e situações de múltiplas origens e nacionalidades justapostos dão um sentido de intensa troca cultural que surge em decorrência do espaço ficcional escolhido por Milton Hatoum – um espaço urbano

marcado pelo trânsito de bens culturais, produtos e pessoas, o que engendra mais facilmente processos de hibridação. Manaus como cidade portuária traz a marca da pluralidade, espelho de diversidades, idas e vindas, de confluência de línguas e costumes, lugar de fronteira e, como ressalta Peter Burke, cruzamento da cultura local com a estrangeira.

Podemos, por isso mesmo, falar desse lugar, dessa Manaus hibridada que surge em *Relato de um certo Oriente*, como espaço de adaptação de práticas e saberes, que Nestor García Canclini nomeia como reconversão. Às vezes, de modo inesperado, não planejado, diz o teórico argentino, a hibridação funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas e novas práticas. Tudo isso, resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. Porém, frequentemente, a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. Nesse processo, busca-se reverter um patrimônio (uma fábrica, uma capacitação profissional, um conjunto de saberes e técnicas) para reinseri-lo em condições novas de produção e mercado¹¹.

Para finalizar nosso estudo sobre hibridismo cultural em *Relato de um certo Oriente*, destacamos mais uma passagem de reconversão, no capítulo 6, em que a narrativa trata da região portuária de Manaus, onde os homens, para exercer seu trabalho, ficam “grunhindo sons absurdos querendo imitar alguma frase talvez em inglês” (HATOUM, 2005, p. 125). Essa busca da comunicação em outro idioma, estabelecida no romance também nas classes populares (nesse caso, o homem portuário), deixa-nos perceber, dentro do território híbrido que é Manaus, uma estratégia de reconversão em que o trabalhador, como salienta Canclini (2003), busca adaptar seu saber para trabalhar e consumir na cidade; reformula, em decorrência de sua inserção em um universo multicultural e multilíngue, sua cultura de trabalho mediante as exigências produtivas que ora se apresentam. Podemos inserir, ainda, nesse contexto de transações e adaptações ocorridas nos processos de reconversão, o próprio espaço físico da loja *A Parisiense*, que atua em *Relato de um certo Oriente* não só como lugar em que circulam os imigrantes libaneses e outros estrangeiros em trânsito em busca de pouso e acolhida (o estabelecimento comercial é um ponto de integração do imigrante às várias camadas da sociedade brasileira), mas também como local que evidencia a transformação do modo de vida da família da matriarca Emilie para que possa se sustentar economicamente no

novo país. Do ponto de vista social, o comércio propiciava a integração do imigrante às várias camadas da sociedade brasileira¹².

Considerações finais

Esperamos que as análises realizadas neste estudo sobre a obra de Milton Hatoum possam ter aberto ao menos novas possibilidades e alguns novos pontos de discussão relacionados a questões de hibridismo e identidade cultural em obras da literatura brasileira. Obviamente que a ideia não era esgotar todas as possibilidades sobre o assunto, até mesmo pelas nossas limitações de espaço, por isso algumas (ou mesmo muitas) avaliações ficaram fora de nosso escopo. Um exemplo disso, só para que evidenciemos a consciência sobre o potencial do assunto, seria tratar, em *Relato de um certo Oriente*, dos sujeitos que são resistentes à hibridação. Ou ainda analisar alguns processos de resistência no aspecto inter-religioso ou cultural. Assunto, pensamos, para um trabalho à parte, somente sobre “aquilo que resiste à hibridação”, o que é necessário também se levar em conta, como salienta Canclini (2003), para se falar em processos de trocas culturais. Ainda assim, cremos que os pontos explanados neste artigo seguem uma abordagem que necessita fazer-se cada vez mais presente na crítica literária de um país marcado pela diversidade e pela hibridação cultural – ou seja, as distinções culturais que permeiam o país e que por vezes mesclam-se, fazendo deste território nacional um grande *patchwork* de identidades e identificações culturais.

Notas

¹Nestor Garcia Canclini, em *Culturas híbridas, estratégias para entrar e sair da modernidade*.

²Stelamaris Coser, em *Híbrido, hibridismo, hibridização*.

³Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade*.

⁴Idem.

⁵No caso de Manaus, uma metrópole regional em formação, levando-se em conta o período em que se passa a ficção.

⁶Peter BURKE, em *Hibridismo cultural*.

⁷Idem.

⁸Pensamento de Bakhtin exposto em *Problemas da poética de Dostoiévski*, 3 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

⁹A saber: a imagem da inconclusibilidade do homem, do não acabamento, da incompletude do ser que se converte em inconclusibilidade estético-formal das personagens.

¹⁰Stefania Chiarelli Techima, em *O relato híbrido do imigrante*, in: *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*.

¹¹Nestor Garcia Canclini, em *Culturas híbridas, estratégias para entrar e sair da modernidade*.

¹²Stefania Chiarelli Techima, *op. cit.*

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BURKE, P. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*.

Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Cintrião. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003.-

_____. *Consumidores e cidadãos*. Trad. Maurício Santana Dias. 5. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.--

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.-

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva

Guacira Lopes Louro. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (org. Liv Sovik). Belo Horizonte, Rio de Janeiro: UFMG/IUPERJ/FAPERJ, 2003.

HATOUM, M. Relato de um certo Oriente.

TECHIMA, S. C. *O relato híbrido do imigrante*, in: *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*. Tese de doutorado, Depto. Letras, Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da PUC-RIO, 2005.

VOTRE, S. J. *Linguagem, identidade, representação e imaginação*, in: *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações* (orgs. Lucia M. A. Ferreira e Evelyn G. D. Orrico). Rio de Janeiro: Faperj/Uni-Rio, 2002.